

Gandavo & Plínio, o Velho: uma Construção Retórica dos Mirabilis

Gandavo, Pliny the Elder: a rhetorical construction of “mirabilia”

*Alexandre José Barboza da Costa**

RESUMO

O presente texto tem por finalidade mostrar que Pero de Magalhães de Gandavo, autor de “História da Província de Santa Cruz” emula – *emulatio* – Plínio, o velho, autor de “História Natural” para a feitura de suas écfrases – descrições – dos bestiários, proporcionando, desse modo, ao seu destinatário uma visão quinhentista, eurocêntrica e contrarreformada da tópica dos “mirabilis”, ou seja, do “fantástico”, “admirável” e “maravilhoso” naquele que foi considerado o primeiro tratado histórico sobre o Brasil, escrito provavelmente entre 1573 e 1576, denominado “História da província de Sancta Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil”. Tomamos Plínio, o Velho, como autoridade (*auctoritas*) para o texto de Gandavo, pois, no século XVI os tratados de descrição da fauna e da flora tinham no autor de História Natural a *auctoritas* mais recorrente. Defendemos a hipótese de que o tratado de Gandavo, dentre todos os autores luso-brasileiros do período, é o que mais se aproxima do autor de História Natural.

55

Palavra-chave: *Gandavo; cronistas; retórica; letras luso-brasileiras.*

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.

The present text is intended to show that the author Pero de Magalhães de Gandavo in his “History of the Province of Sancta Cruz” emulates – *emulatio* – Pliny, the elder, author of “Natural History” for the making of his descriptions of bestiaries, thereby giving the recipient a sixteenth century, eurocentric, counter-reformed view of the topical “mirabilis,” “fantastic” and “marvelous” in what was considered the first historical treatise on Brazil written probably between 1573 and 1576 denominated “History of the province of Sancta Cruz to which we commonly call Brazil”. We took Pliny, the elder as the authority (*autorictas*) for the text of Gandavo, for in the sixteenth century the treatises of description of fauna and flora had the author of *Natural History* as the most recurrent *auctoritas*. We hypothesize that Gandavo’s treatise, among all the Portuguese-Brazilian authors of the period, is the closest one to the author of *Natural History*.

Keywords: *Gandavo; chroniclers; rhetoric; luso-brazilian letters;ny the Elder: a rhetorical construction of “mirabilia”.*

A tópica do “maravilhoso” (em grego, *thôma*) se expressa por meio de um dispositivo retórico denominado *evidentia*, na vertente latina, símile ou analogia, na língua portuguesa. As descrições das representações se distinguem à medida que se diferenciam os “contadores dessas histórias”, segundo sua religião, profissão, grupos sociais etc. O mundo figurado no texto de Gandavo é cristão e tem como missão combater veementemente os islâmicos infiéis ou os gentios do Novo Mundo que são uma página em branco a ser escrita, como acentua Padre Manuel da Nóbrega em sua obra “*Diálogo sobre a conversão do gentio*”, escrita em 1556-1557. Em suma, o Outro é um espelho de si mesmo e o processo colonizatório encampado pelos portugueses no Novo Mundo desta perspectiva muito se aproxima¹:

Colo significou, na língua de Roma, *eu moro, eu ocupo a terra*, e, por extensão, *eu trabalho, eu cultivo o campo*. Um herdeiro antigo de *colo* é *íncola*, o habitante; outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia. Quanto a *agrícola*, já pertence a um segundo plano semântico vinculado à ideia de trabalho. A ação expressa neste *colo*, no chamado sistema verbal do presente,

1 BOSI, Alfredo. “Colônia, Culto e Cultura”, In: *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 1992, p 11-13.

denota sempre alguma coisa de incompleto e transitivo. É o movimento que passa, ou passava de um agente para um objeto. “*Colo é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar ou sujeitar.*” *Colonus* é o que cultiva uma propriedade rural em vez do seu dono; o seu feitor no sentido técnico e legal da palavra. (...) Não por acaso, sempre que se quer classificar os tipos de colonização, distinguem-se dois processos: o que se atém ao simples povoamento e o que conduz à exploração do solo. *Colo* está em ambos: eu moro, eu cultivo.

Na expressão verbal do ato de colonizar opera ainda o código dos velhos romanos. E, a rigor, o que diferencia o habitar e o cultivar do colonizar? Em princípio, o deslocamento que os agentes sociais fazem do seu mundo de vida para outro onde irão exercer a capacidade de lavrar ou fazer lavrar o solo alheio. O íncola que emigra torna-se *colonus*. (...) O traço grosso da dominação é inerente às diversas formas de colonizar e, quase sempre, as sobredetermina. *Tomar conta* de sentido básico de *colo importa* não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. Nem sempre, é verdade, o colonizador se verá a si mesmo como a um simples conquistador; então, buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus.

58

Nesse “desmundo” cruel e violento que é o Novo Mundo o universo do Maravilhoso” transita entre o “tenebroso” e o “deslumbrante”. Para Greenblatt², em certa medida, o “maravilhamento” e o “admirável” são úteis porque chamam a atenção para aquilo que é novo ou bastante diferente do que pensávamos ou julgávamos. Há uma espécie de estupor e paralisia diante do inusitado e, muitas vezes, tal afeto precede as categorias morais do sujeito. Portanto, diante do abissal e do fantástico, amamos ou odiamos o objeto que nos move, ou seja, titubeamos ante a decisão de nos aproximar ou distanciar daquilo que nos move afetivamente. O maravilhamento é um componente quase inevitável do discurso da “descoberta”, pois opera como um reconhecimento de uma diferença que visa representar tudo o que não pode ser conhecido e figurado naquilo em que mal se pode acreditar. Chama a atenção para o problema da credibilidade, *fides*, e, ao mesmo tempo, insiste em sua inegabilidade; por outro lado, em contrapartida, exige uma experiência não necessariamente empírica, mas simbólica porque se veicula elocutivamente no ato de enunciação, modulando-se em elogio ou vitupério, ou seja, em maravilhamento ou assombramento.

2 GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad: Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (Ensaio de Cultura, 8).

Geram-se, assim, na feitura do discurso, os *mirabilia*, em seus afetos intensos quase fantasmagóricos e somente depois dos momentos iniciais de espanto é que podemos tocar, catalogar, inventariar e compreender tais amplificações que se substancializam nas homologias veiculadas sobre os habitantes e sobre a terra. O metonímico transmuda-se em metafórico. As conexões se definem pela inversão, homologia e antítese. O “Maravilhoso” se hiperboliza, amplifica suas marcas de elogio e/ou vitupério, gerando, por seu turno, a ampliação ou dilatação do conceito, propiciando, nesta, um alargamento da imagem do representado sob o ponto de vista e as categorias do representante, que, insisto em realçar, é católico, patriarcalista, ibérico e contrarreformado, em suma, um representante desse “desmundo”.

O aspecto mais característico resultante do estado de maravilhamento é a afirmação da presença do próprio *ethos narratoris* à maneira de Heródoto: “Eu ouvi”, “Eu declaro”, “*Eu escrevo*”, e, sobretudo, “*Eu vi*”. O olho testemunha a evidência material e a contrasta com a audição. Maravilhar-se é experimentar tanto o fracasso das palavras quanto o da visão, uma vez que essa não define a realidade em grau absoluto sem relatividade, ainda que seja resultado de uma visão coletiva. O maravilhamento efetua a ruptura crucial com um Outro que só pode ser descrito e testemunhado na linguagem e nas imagens das similitudes.

Segundo Hartog³, a tópica do “maravilhoso” deve configurar-se no elenco dos procedimentos da retórica da alteridade de uma maneira que produza um efeito de credibilidade no ouvinte/espectador. Nos relatos sobre a terra nunca dantes conhecida, não pode deixar de haver “maravilhas”, “alumbramentos” e “fantasmagorias”, curiosidades relatadas através de uma pintura de retrato, um *ut pictura*, dotadas de vividez descritiva. Dito de outro modo, o “Maravilhoso” apresenta-se, também, como uma tradução da diferença entre o “Aqui” e o “Além”. A gradação do maravilhoso tanto nas narrativas de Gandavo como de Plínio, parte do menos ao mais extraordinário. Em ambos, o “maravilhoso” atua em uma escala e esta gradação funciona em torno da quantidade de itens discursivos tanto no *sermo*⁴ quanto no discurso, na *oratio*. O narrador processa suas escolhas em função do destinatário, ou seja, obedece-se, portanto, ao ouvido do público. Ou seja, avaliar, medir e contar são operações necessárias para a tradução do maravilhoso no mundo em que se conta. É no viajante, segundo Hartog, que se calibra o relato, ou seja, é com a relação a mim – e não em relação aos deuses – que algo se entende como fantástico, maravilhoso, admirável; sou eu quem estima, dentro de um quadro de referências e categorias – os lugares-comuns ou *loci communes* – que tal paisagem ou construção seja “admirável” ou “extraordinária”.

3 HARTOG, François. Uma retórica da alteridade. In: *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do Outro*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999. Trad.: Jacyntho Lins Brandão, p. 246.

4 “O termo (*sermo manifestus*, *sermo apertus*) expressa clareza dos pensamentos no domínio da *elocutio*. Esta clareza é obtida se o que o orador quer dizer (voluntas) for compreendido pelo ouvinte, tanto no domínio da totalidade da matéria, que se refere directamete ao sucesso do discurso como no domínio da *res*, transformadas em matéria e até em cada frase e na sua estrutura”. LAUSBERG, H. *Elementos de Retórica Literária*. Perspicuitas (130-2), p. 127. Fundação Calouste Gulbenkian. 5 ed. Trad: R.M. Rosado Fernandes.

O olho do viajante opera como medida e o narrador “faz ver”, levando o destinatário a avistar o maravilhoso, fornecendo-lhe, precisa e arbitrariamente, suas medidas. Em seu conjunto, tal qual as técnicas da agrimensura, mede, retoricamente, o alcançável pelo seu “olhar”. Tem por finalidade, também, fazer crer por meio de sua arte e engenho e visa com a agudeza de seu estilo construir seu discurso com vistas a persuadir o ouvinte/leitor. Dito de outra maneira, atua como um transportador da diferença, operando, através das símiles, em uma tabela de equivalência, pois⁵ “(...) nomear o outro implica classificá-lo”. A descrição amplifica ou diminui a relação com o objeto narrado. Eu meço o que percorro e domino o espaço que conto. Aquele que faz crer também revela. A razão opera-se, talvez, onde as imagens – verdadeiro/verossímil – são reguladas por uma analogia de proporção. Nos relatos quinhentistas, o “Outro” se delinea pela analogia, *evidentia*, pois a similitude parte de um panorama conhecido para um desconhecido como demonstra Hansen⁶:

Nos textos quinhentistas sobre os indígenas do Brasil, encontramos uma dupla articulação (...): Em uma delas, os enunciados figuram a gigantesca dispersão do novo, a maneira de viver dos indígenas, animais de estranhas raças, coisas assombrosas ou curiosas que a terra produz, descritos de maneira muito analítica com profusão de minúcias. Na mesma dispersão analítica, produzida com um mapeamento classificatório, a enunciação projeta o princípio que unifica teológica e politicamente o que é dito. A proliferação e as multiplicidades dos seres e eventos da nova terra são subordinadas, enfim, como semelhanças distantes do mesmo princípio interpretativo que as atravessa como universalidade de causa primeira e final, Deus. Logo, tudo que é diferente é interpretado como uma variação distante Dele. Imagem invertida da Europa, o Novo Mundo é visto por *speculum*, pelo espelho, como no trecho do apóstolo Paulo. Feita como uma tradução ou extensão da *Traditio* redefinida em Trento, a interpretação aplica o filtro teológico à visão do que é visto. Não há nenhuma naturalidade na observação, mas total subordinação da experiência do Novo ao padrão cultural vivido como universalidade da Lei de Deus (...). Os cronistas portugueses como Gandavo e Gabriel Soares de Souza adotam a universalidade como os jesuítas Nóbrega, Anchieta e Cardim para fundar a ação portuguesa no Brasil na analogia escolástica. Entendendo que a analogia de proporcionalidade faz do Novo Mundo um efeito e um signo criado por Deus, e que a analogia de proporção faz dele um

5 HARTOG, op. cit. p. 258.

6 HANSEN, João Adolfo. A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 364).

resultado hierarquizado à distância, nos confins da criação, afirmam que nele bruxuleia a pálida luz natural que deverá ser evidenciada em leis positivas legítimas.

As descrições dos jesuítas e cronistas estabelecem a analogia – *evidentia* – entre os acontecimentos locais e os eventos narrados na Bíblia, buscando os referenciais epistêmicos na Antiguidade. A etimologia do Novo Mundo tem como elemento norteador a escrita da autoridade registrada a partir de uma ideologia teológica judaico-cristã quinhentista:

Referem atos virtuosos de tipos heroicos, refazem analogias exemplares, como a vida de santos, propondo-os como modelos de virtudes a serem imitadas; fazem extensas descrições dos hábitos selvagens, curiosidades e coisas fantásticas da terra, imitam gêneros antigos, como diálogo platônico, a história de Heródoto, as épicas romanas e gregas, a física aristotélica, a epístola paulina, a História Natural de Plínio, o Auto, o Itinerarium e a peregrinatio medievais”⁷.

Para Hartog, a tradução da diferença conferida pelo viajante exige deste o uso da figura da Inversão, pois, nesta, a alteridade se transcreve, segundo o autor, como antipróprio. Não há A e B, mas sim A e o inverso de A. O projeto discursivo não é mais do que falar de si próprio, de seus próprios referenciais, o Outro é um espelho invertido de si mesmo. Apesar de os cronistas mostrarem o “Outro”, mesmo assim, falam de e para si, como dissemos anteriormente, em um quadro cristão, contrarreformado e ibérico.

Há a transição de um mundo em que se conta para um mundo que se conta. A comparação, a analogia ou *evidentia*, segundo o estudioso, atua como procedimento de tradução na tentativa de aproximar o distante ainda que se distancie, em seu relato, daquele que lhe é próximo. Quando o primeiro termo não tem equivalente referencial no mundo em que se conta ou quando esse não pode funcionar como referência, a tradução funciona como transposição. A comparação gera o paralelo do conhecido para o desconhecido, do manifesto para o escondido. A descoberta pertence e se relaciona com o princípio da simetria.

A descrição – *descriptio*/écfrase – funciona como um olho que fala ou como uma boca que pinta um quadro. O limite do espaço é o limite do dizível, ou seja, só é possível dizer o que se vê no ato de leitura, ou seja, somente mensuro o desconhecido naquilo que meço e isto só é medido nas proporções do que conheço. A visão atua como instrumento do conhecimento, revelando as diferenças. O dizível, ou seja, aquilo que se diz associado ao visível, atua em justaposição com o que é notado e observado. A potência do olhar

7 HANSEN, João Adolfo. Agudezas seiscentistas. In: *Literatura e Pensamento entre o final da Renascença, o Barroco e a Idade Clássica*, n 24, Jan/ Junho 2002. Programa de Pós-Graduação em Letras – UFMS, p. 61.

escreve, ou seja, a visão funciona como elemento de persuasão. Adotando um referencial escolástico, o invisível se “consustancializa” na *enunciatio*. Há uma ambivalência entre a ordem da visão e a ordenação da exposição. Observa-se o que é notável e anota-se o observável. “*Eu vi*” funciona como um operador de *fides*, pois a credibilidade do enunciado se configura no dizer daquilo que se viu e não necessariamente no fato de se “ver a coisa em si” tão somente, pois, ao declarar sobre o visto, enuncio e anuncio as minhas proporções do mundo, portanto, a elocução atesta a verdade dela própria e nela se baseia todo o processo de formação daquilo se fala acerca do que se vê, a fim de angariar a adesão do ouvinte/leitor. Em suma, eu vejo o que posso dizer e digo o que posso ver. Acredita-se, primeiramente, em quem vê; posteriormente, em quem diz o que viu. Contudo, para crer naquele que vê é necessário dele ouvir seu relato, logo, a elocução é testemunha daquilo que se conta no mundo que se conta operacionalizando-se em suas homologias entre o “mostrar” e o “dizer”. Quem fala o que em que momento? O que escrevo é o que digo e o que digo escrevo. Nessa perspectiva, sobre a construção dos bestiários, analisaremos de que maneira Gandavo, leitor de Plínio, o Velho, construirá a ideia dos admirabilia, do “maravilhoso”, na primeira História do Brasil denominada *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*.

Plínio, o velho, autor de *Naturalis Historiae*, censura a tópica da guerra na historiografia, pois a considera como uma surpreendente maldição do espírito humano⁸ pois sugere outra visão da história que não seria a das guerras. Pelo contrário, recomenda que se conte tudo o que a paz permite. Podemos dizer que a *História Natural* de Plínio ativa tópicos retóricos que inserem o homem na natureza, levando-o a uma busca moral sobre a terra. Pero de Magalhães de Gandavo busca imitá-lo e emulá-lo no exercício do gênero demonstrativo (louvor/vitupério). No texto de Gandavo, ambas as tópicas – a da expansão comercial e a da proteção divina – acentuam sua matriz discursiva que, ao tratar da “História” dos homens e sua relação com a geografia (fauna/flora), por seu turno, não se dedicando a falar sobre guerras, muito se aproximam de Plínio:

Por todas as Capitánias desta Província estão edificados Mosteiros dos Padres da Companhia de Jesus e feitas em algumas partes algumas Igrejas entre os Índios que sam de paz onde residem alguns Padres pera os doctrinar e fazer Christãos; o que todos aceitam facilmente sem contradizam alguma porque como elles nam tenham nenhuma Lei nem cousa entre si que adorem he-lhes muito facil tomar esta nossa. E assim tambem com a mesma facilidade, por qualquer cousa leve a tornam a deixar, e muitos fogem pera o sertão, depois de baptizados e instruidos na doctrina christã; e porque os Padres vêm a inconstancia que ha nelles, e a pouca capacidade que têm para observarem os mandamentos da Lei de Deos, principalmente os mais antigos, que sam aquelles em que menos fructifica a semente

8 “sanguinem et caedes condere in annalibus”. PLÍNIO, op. cit., p. 7.

de sua doutrina, procuram em especial planta-la em seus filhos, os quaes levam de meninos instruidos nella. E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Christã por toda esta Provincia, e que ainda nella floreça universalmente a nossa Santa Fé Catholica, e mo noutra qualquer parte da Christandade. Apesar de sua admiração declarada por Aristóteles, o autor de *História Natural* rompe várias vezes com a taxonomia aristotélica da Academia: nada de classificações fundadas sobre critérios anatômicos, exceto em raras passagens. Por exemplo, em X, 29, mostra a estrutura dos pés dos pássaros: articulado, ungulado e palmiforme. Interessa-se mais pela etopeia dos animais. Plínio também consagra ao elefante qualidades intelectuais e morais⁹. Em suma, não se interessa pela descrição anatômica e fisiológica, mas pelo comportamento dos animais. Há desinteresse pelas bases anatômico-fisiológicas da zoologia. Em Plínio, não se fala tanto da natureza, mas sim da relação do homem com a Natureza; neste item, Gandavo a ele filia-se: “[...] *no es de natureza, aunque tantas vezes exaltada, de lo que se nos habla, sino del hombre en sus relaciones con tal o cual setor de la naturaleza*”¹⁰.

Em Gandavo notamos a etopeia como recurso retórico ao descrever os tigres tal como Plínio a demonstra ao construir a prosopopeia do elefante:

Outros animaes ha nesta Provincia mui feros e prejudiciaes a toda esta caça, e ao gado dos moradores: aos quaes chamam Tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomea Onças: mas algumas pessoas que os conhecem e os virão em outras partes, affirmão que sam Tigres. Estes animaes parecem-se naturalmente com gatos, e nam differem delles em outra cousa; salvo na grandeza do corpo porque alguns são tamanhos como bezerros e outros mais pequenos. Tem o cabello dividido em varias e distintas cores, convem a saber, em pintas brancas, pardas e pretas. Como se achão famintos entrão nos curraes do gado e matão muitas vitellas, e novilhos que vão comer ao mato, e mesmo fazem a todo o animal que podem alcançar. E pelo consequinte quando se vem perseguidos da fome, tambem cometem aos homens, e nesta parte são tam ousados, que já aconteceu trepar-se um Indio a huma arvore por se livrar de hum destes animaes que o hia seguindo, e pôr-se o mesmo Tigre ao pé da árvore, nam bastando a espanta-lo alguma gente que acudio da povoação aos gritos do Indio, antes a todos os medos se deixou estar muito seguro guardando sua preza até que sendo noite se tornaram outra vez sem ouzarem de lhe

9 Cf. PLÍNIO, op. cit, VIII 2; 12; 22.

10 Idem p. 122.

fazer huma offensa, dizendo ao indio que se deixasse estar, que elle se enfadaria de o esperar, e quando veio pela manhã (ou porque o Indio se quis descer parecendo-lhe que o Tigre era já ido, ou por acertar cair de algum desastre, (ou pela via que fosse) nam se achou ahi mais delle que os ossos. Porem pelo contrario, quando estão fartos sam muito cobardes; e tam pulsilanimos que qualquer cão que remete a elles, basta a faze-los fugir: algumas vezes acossados do medo se trepam a huma arvore e ali se deixam matar ás frechadas sem nenhuma resistencia. Emfim que a fartura superflua, nam somente apaga a prudencia, a fortaleza do animo, e a viveza do engenho ao homem, mais ainda aos brutos animaes inabilita e faz incapazes de uzarem de suas forças naturaes posto que tenham necessidade de as exercitarem pera defençam de sua vida.¹¹

Em VIII, XI, 32, Plínio fala em dragões que supostamente corresponderiam aos eternos inimigos dos elefantes nas paragens das Índias. Importa aqui esclarecer que a simples menção a dragões – *dracones* – não implica a recorrência de Plínio aos domínios dos *thoma*, da fantasia. Com efeito, esse termo, muitas vezes, apenas designa, com diferenças de formalidade em latim, a “serpente”, ao lado de outras palavras possíveis como *coluber* e *anguis*. Por outro lado, certas características empregadas por Plínio para falar nesses dragões antagônicos aos elefantes começam a nos descortinar o contato com traços bastante surpreendentes ou quase monstruosos, no sentido usual do termo¹²: entre eles, mencionamos a suposta capacidade de tais seres para envolver completamente até o sufocamento os paquidermes com seus anéis, tamanha eram suas dimensões¹³; além disso, eventualmente adentrariam o corpo de seus inimigos pela tromba, desse modo ferindo-os nas partes mais vulneráveis¹⁴.

Embora se diga já no capítulo XIII do Livro III que a Etiópia produz serpentes de oito côvados aproximadamente, Plínio chega a falar em muitos outros animais semelhantes a monstros¹⁵, como o “pégaso”, cavalo alado dotado de chifres; o cercopíteco, de cabeça negra e pele de asno e diferente dos demais macacos por sua voz¹⁶; os bois

11 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capítulo VI. Dos Animaes e Bichos Venenosos que há Nesta Província. In: _____. *História...*, ed. *princeps*, op. cit., p. 22.

12 TREVIZAM, M. “Os ‘monstros’ de Virgílio no livro I das Geórgicas”. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 35, p. 75, 2009. “Assim, de início convém lembrar que a raiz latina de *monstrum*, como nos ensinam Ernout & Meillet *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris.: Klincksieck, 2001, p. 629) identifica-se com a mesma do verbo *monstrare* (mostrar, demonstrar, avisar), correspondendo, pois, o sentido primeiro do substantivo aludido ao de um prodígio que adverte da vontade dos deuses”. Depois observa-se a passagem desta primitiva ideia, de caráter eminentemente religioso e nem sempre indicadora de desditas, para o significado específico de um ente (em vez de evento) inusitado por suas características; expressam essa segunda nuance, assim, certos dizeres de etimologistas segundo os quais *monstrum* seria desta forma um objeto ou ser de caráter sobrenatural” In: ERNOUT; MEILLET, 1939, p. 629.

13 *tantae magnitudinis*. VIII – XI, 32.

14 *molissimas partes* – VIII, 12, 33.

15 *multaque alia monstri similia* – VIII, XXX, 72.

16 *dissimilis ceteri uoces* – VIII, 30, 72.

indianos¹⁷ de um ou três chifres; as leucocrotas, do tamanho dos asnos selvagens, com coxas de cervo, colo, cauda e peito de leão, cabeça de texugo, uma “boca fendida até as orelhas”¹⁸ e um “osso contínuo no lugar dos dentes”¹⁹; as manticoras, com “três fileiras de dentes”²⁰, face e “orelhas humanas”²¹, “olhos esverdeados”²², e “uma cauda que pica como aquela do escorpião”²³. Outras regiões, porém, produzem, segundo a descrição pliniana, seres igualmente inusitados, como a província de Cirenaica, donde provém o basilisco que “afugenta todas as cobras com seu sibilo”²⁴ e “mata os arbustos não só pelo contato mas ainda pelo alento queima as ervas e estoura as pedras”²⁵. Já em Pero de Magalhães Gandavo, o “dragão” também aparece como sinônimo de miraculoso e vicioso, com o de codinome Hipupiara:

Então se levantou elle [Baltezar Ferreira] muito depressa e lançou mão a huma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo pera si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra, conhecido com a vista do qual se desenganasse do que a India lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquella parte que ella lhe assignalou vio confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o monstro também ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animaes. E chegando-se hum pouco mais a elle, pêra que melhor se podesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que o vio começou de caminhar para o mar donde viera.

Nisto conheceu o mancebo que era aquilo cousa do mar e antes que nelle se metesse, acodio com muita presteza a tomar-lhe a dianteira, e vendo o monstro que elle lhe embargava o caminho, levantou-se direito pera cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assi a par com elle, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou pera huma parte com tanta velocidade, que nam pôde o monstro leva-lo debaixo de si: porem nam pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida lhe deu no rosto com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assi

17 *Indicos* – VIII, XXX, 72.

18 *ore ad aures usque rescisso* – VIII, XXX, 72.

19 *dentium locis osse perpetum* – VIII, XXX, 72.

20 *triplici dentium ordine* – VIII, XXX, 75.

21 *facie et auriculis hominis* – VIII, XXX, 75.

22 *oculis glaucis* – VIII, XXX, 75.

23 (VIII, XXX, 75).

24 *sibilo omnes fulgat serpentes* – VIII, XXX, 78.

25 *necat frutices, non contactos modo, uerum et adflatos, exurit herbas, rumpti saxa* – VIII, XXXIII, 78.

ferido hurrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteu a elle, e indo pera o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça hum a cotilada mui grande, com a qual ficou já mui debil, e deixando sua vã porfia tornou entam a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da India que estava em vella: e chegando a elle, o tomaram todos já quasi morto e dali o levaram á povoação onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra.²⁶

É interessante atentarmos à maneira pela qual Plínio desenvolve a tópica da nobreza do leão e sua clemência. O movimento da cauda do leão denuncia, segundo Plínio, sentimentos tais como: calma, amabilidade e, geralmente, cólera: “De entre todas las fieras solo el león siente piedad por los que le imploran, perdona a los que se postran y cuando se enfurece, ruge contra los hombre más que contra lãs mujeres y no lo hace contra los niños, si no tiene mucha hambre”²⁷.

Na disposição de cada episódio, dá-se uma forma estrutural à matéria a ser narrada a partir de uma gama cosmológica (ar, água, peixes, pássaro, homem etc.)²⁸. As plantas e os animais nos textos de *História Natural*, especificamente em Plínio, e em *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, são classificados de acordo com as modulações epidíticas em torno do eixo *virtude/vício*.

Os eventos na disposição – *dispositio* – da obra de Plínio se organizam em torno das causas que presumem por si o desenvolvimento das matérias. Ele divulga o orbe romano como centro do mundo; critica a história de Tito Lívio que elogia os feitos guerreiros²⁹. Propõe-se a não discorrer sobre uma história de guerras, mas sim dos povos.

Plínio apresenta, no Livro I, os índices reunidos integralmente e que são posteriormente reproduzidos no proêmio de cada livro, para que cada leitor não busque mais do que deseja. Ainda no Livro I, há o índice de matérias com a enumeração dos capítulos para cada um dos 36 livros seguintes. Ao final de cada livro, há uma lista de autores divididos entre romanos e estrangeiros. Tal procedimento, segundo Plínio, foi utilizado anteriormente por Valério Sorano, escritor do século I. Afirma que a “tradição”³⁰ enciclopédica remonta aos *libri ad Marcum filium* de Catão (séc. II A.C) e *Artes*, de Celso, da época de Tibério. A obra se dispõe de forma ternária (prefácio – dedicatória – índices-texto).

Para Della Corte³¹, a *História Natural* de Plínio seria fruto de uma compilação de quatro ou cinco tratados varronianos: *Antiquitates*, *Disciplinae* VIII

26 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Cap. 9”. In: _____. *Tratado da Terra do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 119.

27 PLÍNIO, V III, 48.

28 CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 219.

29 PLÍNIO [NH II 43], [NH, VII, 92].

30 Traditio. O termo tradição, nesse caso, deve ser compreendido em sua tradução latina como “transmissão”. Cf CIC, Top. 28.

31 DELLA CORTE, F. “*Tecnica Espositiva e Struttura della N.H.*”. *Como*, n. 9, 1982, p. 19.

[*De Medicina*], IX [*De Architectura*], *Res Rustica e Imagines*, parecendo excessiva tal assertiva para Serbat³². A ordenação, ou seja, a disposição (*dispositio*) da obra de Plínio se inicia como *ut pictura* do local seguido pela descrição do habitante, do reino animal, este entendido por tudo aquilo que se distancia do homem, além do reino vegetal. A ordem tende para um único centro e, direcionada no homem e para o homem na categorização *humano/animal/vegetal/mineral*, é reiterativa, ou seja, o último elemento retoma o primeiro e assim por diante.

Não há um transcorrer em *ordo naturalis* no que se refere ao desenvolvimento das matérias que se organizam em torno da tríade: reino vegetal, mineral e animal. Plínio procura investigar virtudes e vícios nos reinos animal, mineral e vegetal. Por exemplo, quando fala sobre mineralogia o faz em detrimento da utilidade dessas para o homem. Basicamente, as descrições apoiam-se nas virtudes de cada um dos aspectos narrados: cosmos, geografia e mineralogia. Há uma espécie de história edificante e também deliberativa, como apontamos anteriormente, em Gandavo.

O plano do conjunto no livro II de Plínio, que fala do cosmos,³³ assemelha-se às ordenações dos manuais de cosmologia dotadas de ingredientes pitagóricos ou platônicos com um fundo estoico. Plínio nos diz, neste livro, que o mundo/cosmos se move com indescritível rapidez em um intervalo de vinte e quatro horas e também afirma que seu som é imenso e supera a sensibilidade dos ouvidos. Além disso, assegura que para nós, humanos, que vivemos no interior do cosmos, o mundo se move em silêncio durante os dias e as noites.³⁴

No que tange à geografia³⁵, afirma sobre a existência de zonas não exploradas: ao sul, uma área de calor; ao norte, uma área fria. A Europa ocupa metade da terra³⁶, a outra metade³⁷ é formada pela África e a Ásia (Oriente). Em relação à tópica do “nem muito quente, nem muito frio” e a teoria dos antípodas, Gandavo também nos instrui com deleite:

há nestas partes do Brasil seis mezes de verão e seis de inverno: os de verão são de Setembro até Fevereiro, os de inverno de Março até Agosto. Assim que quando nesta provincia do Brasil he inverno cá nestes Reinos he verão, e os dias quasi sempre são tamanhos como as noites huma hora somente crecem e mingoão. Cursão sempre ventos geraes, no inverno seis mezes Sul e Sueste, no verão Nordeste. Sempre correm as agoas com o vento por costa, e porisso se não pode navegar de humas Capitánias pera outras se não esperarem por monções pera irem com as agoas e com o vento, porque cursão como digo seis mezes duma parte

32 Idem, p. 63.

33 PLÍNIO, II.

34 Alusão à teoria pitagórica sobre o canto das esferas. Cf. PLÍNIO, II 84.

35 Ibidem. LIII, VI.

36 PLÍNIO. Ibidem. I II, IV.

37 Ibidem. VI, 122.

e seis doutra, e portanto são muitas vezes as viagens vagarosas, e quando vão contra tempo as embarcações correm muito risco, arribão ás mais das vezes ao porto donde sairão. Mete-se no meio e na força deste verão, oito dias ante os Santos, huma tormenta de vento Sul que dura huma semana, este he mui certo e geral, nunca se acha que naquelles dias faltasse. Muitas embarcações esperão por este vento e fazem com elle suas viagens. Esta terra sempre he quente quasi tanto no inverno como no verão. A viração do vento geral entra ao meio dia pouco mais ou menos, he tam fresco este vento e tam frio que não se sente mais calma, e ficão recreados os corpos das pessoas.³⁸

Nos Livros V e VI, Plínio contempla seu destinatário com os itinerários geográficos – geografia física e humana, essas, inclusive, em sua dimensão histórica. *História Natural* tem como núcleo central o homem inserido na natureza dialogando por meio de uma perspectiva moralizante.

Tanto Plínio como Gandavo constroem suas descrições com vividez. Em ambos, o mundo opera sem barreiras entre o homem e o animal. Eles recolhem atitudes e comportamentos do objeto narrado. Nota-se em suas escritas uma acumulação de informações que resultam em reflexões de cunho moral. A *captatio benevolentiae* buscada pelos autores insere-se nas suas respectivas écfrases para dotá-las de deleite e conseguir gerar no leitor uma benquerença pela matéria narrada.

A *História Natural* de Plínio apresenta-se como uma coleção de informações ilustradas com histórias, às vezes moralmente sentenciosas, pouco tendo a ver com a natureza em si e mais com o homem, ou seja, ela existe em função do ser humano. Já para Gandavo, a natureza deve subordinar-se ao homem, cabendo a este domá-la para que lhe seja útil e proveitosa na terra “anunciada” e “prometida”. Em ambos se nota a intenção de tornar o discurso breve, claro, conciso e verossímil tal qual o modelo proposto por Isócrates e posteriormente por Cícero, tornando sua história *magistra vitae*, ou seja, a História atuando como exemplo para edificar homens, coisas e lugares. Ainda, a fim de apontar a semelhança da escrita de Pero de Magalhães Gandavo com Plínio, é possível apontar que Gandavo apresenta, tal como o autor de *História Natural*, os melhores locais para morar, bem como instituições, povoação e número de habitantes:

La Bética, así llamada por el Río que la corta por medio, aventaja al resto de las provincias merced a sus ricos cultivos y a una especie de peculiar y espléndida fertilidad. Tiene cuatro conventos jurídicos, el de Gades, el de Cordoba, el de Astiguis y de Híspalis. Las poblaciones suman todas ciento setenta y cinco, de las que nueve son colonias, diez municipios de ciudadanos. Romanos,

38 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capítulo Terceiro. Das qualidades da terra”. In: *Tratado da Terra do Brasil/ História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 45.

veinisierte de derecho latino antiguo, seis libres, tres federadas y ciento veinte tributários. Entre los lugares dignos de mencionar, o fáciles de enunciar en lengua latina partiendo del rio Guadiana y em la costa del oceano se encuentran la población de Ónoba, apellidada de Estuaria en la confluência del Luxia y del Urio.³⁹

Pero de Magalhães Gandavo mostra ao destinatário, em sua descrição, que a ilha de Itamaracá, por exemplo, possui três léguas de comprido e duas de largo, sendo que sua dona é Jerônima Dalbuquerque⁴⁰:

A primeira e mais antiga se chama Tamaracá, a qual tomou este nome de huma Ilha pequena, onde sua povoação está situada. Pero Lopes de Sousa foi o primeiro que a conquistou e livrou dos Francezes em cujo poder estava quando a foi povoar: esta Ilha em que os moradores habitão divide da terra firme hum braço de mar que a rodeao, onde também se ajuntão alguns rios que vem do sertam. E assi ficão duas barras lançadas cada huma pera sua banda, e a ilha em meio: per huma das quaes entrão navios grossos e de toda a sorte, e vão ancorar junto da povoação que está dahi meia legoa, pouco mais ou menos. Tambem pela outra que fica da banda do Norte se servem algumas embarcações pequenas, a qual por causa de ser baixa nam sofre outras maiores. Desta ilha para o Norte tem esta Capitania terras mui largas e viçosas, nas quaes hoje em dia estiverão feitas grossas fazendas, e os moradores forão em muito mais acrescimento, e florescerão tanto em prosperidade como em cada huma das outras si o mesmo Capitão Pero Lopes residira nella mais alguns annos e nam a desempará no tempo que a começou povoar.⁴¹

No capítulo segundo, Phernambuco, também denominado de Nova Lusitânia, distancia-se de Tamaracá na perspectiva de Gandavo em cinco léguas ao sul em altura de oito graus. Afirma o autor de *História da Província de Santa Cruz* que

39 PLÍNIO, op. cit. III, 2, 7 – 8.

40 Segundo Capistrano de Abreu, era filha de Pero Lopes de Souza e D. Isabel de Gambôa. Foi casada com D. Antônio de Lima. Também desta maneira atesta Emanuel Pereira Filho que o autor se engana, pois dona Jerônima era filha e não mulher de Pêro Lopes. Este, segundo o estudioso, se casou com Isabel de Gambôa, rica dama da Corte, com quem já estaria unido em 1536. Dessa união tiveram três filhos: Pêro Lopes, sucessor do pai e segundo donatário de Itamaracá, sob a tutela da mãe, tendo morrido, ainda adolescente; Afonso Lopes de Sousa, sucessor do irmão e terceiro donatário, que residiu na Índia em 1558, vindo a morrer em Baharem com D. Alvaro da Silveira, sem deixar descendência; D. Jerônima de Albuquerque e Sousa, quarta donatária de Itamaracá, a qual foi casada com D. Antônio de Lima de Miranda. PEREIRA FILHO, Emanuel. “Índice de vocábulos”. In: GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Província do Brasil [Tractado da província...]*, op. cit., p. 258; cf. FREITAS, J. de. A Exp. De M.A de Sousa, in HCPB. V III, pg. 122; e Fr. G. da Madre de Deus, Memórias, p. 273.

41 GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 87.

tal capitania tem como capitão e governador-geral Duarte Coelho Dalbuquerque⁴². Supomos que a descrição pretende mostrar ao destinatário precisão na construção de suas écfrases. Este tipo de preocupação era uma tópica muito usual no século XVI e, para demonstrarmos isso, coligimos Duarte Pacheco Pereira, Gabriel Soares de Souza e muitos outros no que tange à necessidade de mostrar um local em suas variantes longitudinais:

A segunda Capitania que adeante se segue, se chama Paranambuco: a qual conquistou Duarte Coelho, e edificou sua principal povoação em hum alto á vista do mar, que está cinco legoas [grifo meu] desta ilha de Tamaracá em altura de oito Graos; chama-se Olinda, he humas das mais nobres e populosas villas que ha nestas partes. Cinco legoas pela terra dentro está outra povoação chamada Igaroçú, que por outro nome se diz a Villa dos Cosmos.⁴³

Sobre a tópica da distância, o autor de *História Natural* aduz:

La longitud total della provincia, segun el testimonio de Marco Agripa, es de cuatrocientos setenta y cinco mil pasos y la anchura doscientos cincuenta y ocho quando sus limites se extendían hasta Cartagena. Esta causa da lugar bastante frecuentemente a grandes errores en la de una estimación de las dimensiones: em unos casos por cambio de los limites de las provincias, em otros porque se alarga o reduce el numero de pasos de los caminos. Em um tiempo tan dilatado los mares han penetrado en la tierra, em outro lugar se han adelantado las costas, o se ha torcido el curso de los rios, o se han enderezado sus meandros. Además observadores distintos parten de diferentes puntos para las medidas, y las siguen por distintas vias. Así ocurre que no hay dos que coincidan.⁴⁴

42 Primeiro Donatário, Duarte Coelho faleceu em 7 de agosto de 1554, deixando à sua esposa D. Brites de Albuquerque por Regente da Capitania e tutora de seu filho Duarte Coelho de Albuquerque se achava no reino e lá permaneceu e a mãe a capitania governou até 1560. Isso se comprova, segundo Pereira Filho (apud GÂNDAMO, Pêro de Magalhães de. *Tratado da Província do Brasil [Tractado da provincia...]*, op. cit., p. 260) por uma escriturade sesmaria passada por D. Brites a Duarte Lopes em 20 de maio de 1556: “D.Brites de Albuquerque governadora, e administradora de meu filho Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro e sucessor desta Capitania”: dita escritura consta do Livro de Tombo do Mosteiro São Bento (cf. JABOATÃO. *Nôvo orbe serafico*, v. 1, pp. 149-150) Duarte Coelho (filho) teve a carta de concessão em 8 de novembro de 1560 (Chancelaria de D. Sebastião, L 7º de Doações, fl.205 v; cf. P. de Azevedo, Os Primeiros Donatários, in HCPB, v.III, pg. 196, n.13); e logo em seguida partiu a Pernambuco levando em sua companhia o irmão mais moço, Jorge de Albuquerque, futuro donatário, que Bento Teixeira cantaria na *Prosopopéia*. Exerceu o governo até 1572, quando voltou ao reino, deixando a mãe em seu lugar. Acompanhou D. Sebastião na jornada à África, caiu prisioneiro na batalha de 4 de agosto de 1578 e foi um dos oitenta fidalgos resgatados. Morreu antes de chegar a Portugal, solteiro e sem filhos (v. R. Garcia, Nota IX. In: Varnhagen, Hist. Ger. do Brasil., V.I, p. 296).

43 GÂNDAMO, op. cit., p. 87.

44 PLÍNIO, op. cit., III, 16-17.

Tanto Gandavo quanto Plínio apresentam ao leitor o número aproximado de vizinhos do local descrito. Note-se que ambos os relatos numéricos eram dotados de uma noção aproximada, como por exemplo: cem, centena, perto de, longe de etc. Segundo Plínio: “[...] antes llamada Éfiro a sesenta estadios⁴⁵ de ambas costas, mirando desde lo alto de su ciudadella”⁴⁶. Sobre a ideia quantitativa e aproximativa, para falar da população local, Gandavo usa o termo “vizinhança”, e sobre ela afirma:

[...] outra povoação, chamada Santos, onde por respeito destas escallas, reside o Capitão ou o seu Logo tenente co officiaes do Conselho e governo da terra. Cinco legoas pera o Sul há outra povoação a que chamão Hitanhaém. Outra está doze legoas pela terra dentro chamada Sam Paulo, que edificaram os Padres da Companhia, onde ha muitos vizinhos, e a maior parte delles são nascidos das Indias naturaes da terra, e filhos de Portuguezes.

Em ambos os autores, o *ethos* da cidade é descrito a partir de clima, terra, montanhas, bosques, montes, colheitas, rebanhos, lagos, rios, mares, portos e comércio. As marcas panegíricas desenvolvidas por Plínio, como no exemplo abaixo, repercutem em Gandavo de maneira muito explícita:

Es, em efecto, tan grande la vigorosa y constante salubridad de ella, tanta la moderacion del clima, tan fertiles las tierras de labor, tan abrigadas las montanas, tan seguros los descampados, tan espesos los bosques, tan ricos em toda clase de arbolado... La brisa de tantos montes, la inmensa riqueza de cosechas, de vides, de olivars, la calidad de las lanas de los rebanos, la fuerza de la cerviz de los bueyes, los numerosos lagos, la riqueza de rios y manantiales que baña toda Italia, tantos mares y puertos, y el seno de las tierras abierto por todas partes al comercio, que es como se la propia Italia se lanzara com avidez al mar para ayudar a los hombres. Y ni siquiera menciono el carácter y las costumbres, ni los héroes ni los pueblos que Itallia há sometido com su poder y com el de su lengua. Los mismos griegos, uma raza desmedida em proclamar sus propias glorias, lo han juzgando así, llamando magna Grécia a uma reducida parte de Italia!⁴⁷

Em Gandavo:

Destes e doutros extremos semelhantes carece esta Provincia Santa Cruz: porque com ser tam grande nam tem serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadições que com facilidade se não

45 A separação do mar é de dois em dois quilômetros e meio. Para Plínio, seria de uns onze.

46 PLÍNIO, op. cit., IV, 46.

47 PLÍNIO, op. cit., HN. III,2.

possão atravessar. Além disto he esta Provincia sem contradição a melhor pera a vida do homem que cada huma das outras de America, por ser commumente de bons ares e fertilissima, e em gram maneira deleitosa e aprazivel á vista humana. O ser ella tam salutifera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursão nella [...]. E como todos estes procedão da parte do mar, vem tam puros e coados, que nam somente nam danam, mas recream e acrescentam a vida ao homem.⁴⁸

A tópica do lugar aprazível, também desenvolvida por Plínio quando se refere aos seres Hiperbóreos, tem em suas descrições, já desde os gregos, a ideia de uma vida boa e saudável. Segundo Godinho:

Em primeiro lugar vem à posição alta, de difícil acesso do paraíso. Uma serra alta constitui, quase sempre, uma espécie de ideograma que significa o lugar inacessível, senão por ásperos caminhos, em que se situa o paraíso. As flores e frutos que abundam no paraíso são outra referência quase sempre mencionada. Dum modo geral, o paraíso é referido como lugar de abundância e de clima ameno. Faz-se uma aproximação entre as riquezas e o modo de viver; há uma insistência na pormenorização dos objetos ricos. Há que salientar a constante assimilação entre a corte celeste e a corte dos homens poderosos.⁴⁹

72

A tópica do lugar aprazível é apresentada por Plínio:

Se cree que allí se encuentran los goznes del mundo y los puntos extremos de las órbitas de las estrellas, con seis meses de luz cuando el sol se encuentra de cara, y no, como afirmán los ignorantes, del equinoccio de primavera hasta el de otoño. Una vez al año, en el solstício de verano, sale el sol para ellos y una sola vez, en el de invierno, se pone. Es una zona templada, de agradable temperatura, exenta de todo tipo de viento nocivo. Tienen por morada selvas y bosques, y el culto a los dioses se celebra tanto em privado como en grupo; toda discórdia y sufrimiento son desconocidos para ellos. La muerte no les sobreviene sino por estar hartos de vivir: despues de darse un festin y tras haber vivido una opulenta vejez, saltan al mar desde lo alto de una roca. Éste es el tipo de sepultura considerado más feliz.⁵⁰

48 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capit II. Em que se descreve o sitio e qualidade desta provincia”. In: _____. *Historia...*, ed. *princeps*.

49 ARALA GONÇALVES, Maria Adelaide Godinho. *Forma de pensamento em Portugal no século XV: Esboço de análise a partir de representações de paisagem nas fontes literárias*. Direção de Vitorino Magalhães Godinho. Lisboa: Horizonte, 1970, p. 131.

50 PLÍNIO, op. cit., HN. IV,89.

Em Gandavo, há três aspectos na formação de sua descrição: tempo, qualidade e quantidade. Afirma que o primeiro, se for bom, ocasionará produção o ano todo ou, pelo menos, na maior parte dele; em relação ao segundo, o lugar deve ser prazeroso, ou seja, bom de viver. Em relação à utilidade da terra, analisa se os produtos dela não causam mal à saúde do habitante e se, porventura, são agradáveis aos sentidos. Sobre a quantidade, pondera se são abundantes as ofertas de gêneros na terra.

No capítulo intitulado “Das Qualidades da Terra”, Gandavo mostra que, no Brasil, no prazo de um ano, durante seis meses há verão e nos outros seis meses inverno. Ou seja, há uma divisão equânime entre as estações. Logo, metade do tempo é quente e outra metade fria. Rediscute, em nossa hipótese, a tópica tão propalada do *non ibi frigus est, non aestus sed perpetua aeris temperies*, ou seja, a tópica da equanimidade das estações desenvolvida para edificar o Éden como morada eterna dos eleitos. Além disso, afirma que, em sítio assim, os corpos das pessoas ficam recreados: “[...] he tam fresco este vento, e tam frio que não se sente mais calma, e ficção recreados os corpos das pessoas”⁵¹.

[...] he esta Provincia sem contradição a melhor pera a vida do homem que cada huma das outras de America, por ser commumente de bons ares e fertilíssima, e em gram maneira deleitosa e aprazível á vista humana. O ser ella tam salutifera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursão nella.⁵²

Já em relação à fauna, Plínio descreve minuciosamente os seguintes animais em sua descrição: aves, águias, gaviões, galinhas, papagaios, emas e gaivotas. Em Gandavo notamos os seguintes bichos, sequencialmente: porcos, veados, antas, cotias, pacas, tatus, tigres, preguiças, tamanduás, bugios (macacos), cobras, lagartos e coelhos. Tem Plínio, como fonte principal nessa tópica, Aristóteles, e inicia o preâmbulo de seu Livro VII dissertando sobre a fragilidade do homem:

Es el único de los seres vivos al que se le ha dado el dolor por la muerte, los excesos del lujo, y de maneras ciertamente innumerables y a través de todos sus miembros, el único al que se le han dado la ambición, la codicia, um inmenso deseo de vivir, la superstición, la preocupación por la sepultura y también acerca de lo que sucederá después de El.⁵³

Gandavo por outro lado, não se ocupa dessa tópica. Em várias ocasiões procura mostrar que os animais estão à disposição do homem. Procura, explicitamente, demonstrar que a fauna está a serviço do homem e este pode dela se utilizar. No Livro LVIII, Plínio, ao descrever as serpentes, amplifica o relato, afirmando que

51 GANDAVO, Pero de Magalhães de. *Tratado da Terra do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 45.

52 Ibidem.

53 PLÍNIO, op. cit., HN. VII, 5.

Megasthenes escreve que na Índia as serpentes crescem até um tamanho tão grande que devoram cervos e touros inteiros. Mostra que na Itália chegam a tão grande tamanho que, no principado do divino Cláudio, foi encontrada uma criança inteira no ventre de uma mãe morta no Vaticano. Alimentam-se primeiramente, diz Plínio, por meio da sucção do leite de vaca⁵⁴. A respeito das serpentes, mostra-nos Gandavo:

Há também pelo mato dentro cobras mui grandes e de muitas castas a que os Indios dão diversos nomes, conforme as suas propriedades. Humas ha na terra tam disformes de grandes, que engolem um veado, ou qualquer outro animal semelhante todo inteiro. E isto nam he muito pera espantar, pois vemos que nesta nossa pátria, ha hoje em dia cobras bem pequenas, que engolem huma lebre ou coelho da mesma maneira tendo um colo que á vista parece pouco mais grosso que hum dedo: e quando vem a engolir estes animaes alarga-se, e dá de si de maneira, que passam por elle inteiros, e assi os estão sorvendoo até os acabarem de meter no bucho, como entre nós he notório.⁵⁵

Em *História da Província de Santa Cruz*, ambas as tópicas – a da expansão comercial e a da proteção divina – finalizam o texto:

Por todas as Capitánias desta Provincia estão edificados Mosteiros dos Padres da Companhia de Jesus e feitas em algumas partes algumas Igrejas entre os Indios que sam de paz onde residem alguns Padres pera os doctrinar e fazer Christãos; o que todos aceitam facilmente sem contradicam alguma porque como elles nam tenham nenhuma Lei nem cousa entre si que adorem, he-lhes muito facil tomar esta nossa. E assim tambem com a mesma facilidade, por qualquer cousa leve a tornam a deixar, e muitos fogem pera o sertão, depois de baptizados e instruidos na doctrina christã; e porque os Padres vêm a inconstancia que ha nelles, e a pouca capacidade que têm para observarem os mandamentos da Lei de Deos, principalmente os mais antigos, que sam aquelles em que menos fruitifica a semente de sua doctrina, procuram em especial planta-la em seus filhos, os quaes levam de meninos instruidos nella. E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Christã por toda esta Provincia, e que ainda nella floreça universalmente a nossa Santa Fé Catholica, e mo noutra qualquer parte da Christandade.⁵⁶

54 Ibidem. HN VIII, 37.

55 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capit 6. Dos Animaes e Bichos Venenosos que há nesta província”. In: _____. *História...*, ed. *princeps*, op. cit.

56 GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capitulo XIII. Do Fruto que fazem nestas partes os padres da Companhia com sua doctrina”. In: _____. *História...*, ed. *princeps*, op. cit., pp. 45-46.

Desta maneira, notamos, tanto em Gandavo quanto em Plínio, a exploração em seus tratados das tópicas: animal, vegetal e mineral e de como esses *tópoi*, ou seja, esses temas se entrelaçam em torno daquilo que foi denominado de *Mirabilia*, ou seja, o Maravilhoso, o Fantástico, o Admirável. Notamos, em ambos os autores que suas descrições – écfrases/descriptio – não visam chocar, assombrar o leitor/ouvinte, mas deleitá-lo, mostrar para ele que a terra anunciada é dotada de aspectos exóticos e, nesse caso, propomos entender o léxico em seu étimo latino (*exoticus*, *a, um*) que semanticamente nos dá o sentido de “estrangeiro”, e por extensão, pode ser o estrangeiro, o peregrino, aquele que vem de fora do centro, mas também, supomos que exótico se refira também a coisas e lugares e pode ser compreendido na acepção de tudo aquilo que é desconhecido e não gravita em torno da orbita do conhecido, em suma, daquilo que me é comum.

Terra aprazível, o Brasil, país exótico. Lá ou cá, toda a fauna e flora abundante, viçosa e viciosa estão à disposição. Na terra, tudo que se planta dá. A noção de lugar paradisíaco regado por uma natureza clemente de águas caudalosas, doce luz, primavera perpétua, suaves perfumes e música celestial localizadas em uma montanha alta em algum longínquo lugar são já provenientes das tópicas greco-romanas e se fundiram, ao menos parcialmente, a partir da era Cristã, com evocações bíblicas do pomar do Éden, pois conta-se que, circunscrito em um lugar abençoado pela prodigalidade ofertada pela natureza, podia-se encontrar associado à abundância de água, exalação perfumada, justeza de temperatura, nem quente tampouco fria, ausência de dor, convivência tranquila e harmoniosa entre os homens e os animais. Eis o admirável jardim das delícias chamado Brasil.

Referências

BOSI, Alfredo. “Colônia, Culto e Cultura”, In: *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 1992, p. 11-13.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 219.

DELLA CORTE, F. “Tecnica Espositiva e Struttura della N.H”. *Como*, n. 9, 1982, p. 19.

ERNOUT & MEILLET. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris.: Klincksieck, 2001, p. 629

GANDAVO, Pero de Magalhães de. “Capitulo XIII. Do Fruto que fazem nestas partes os padres da Companhia com sua doutrina”. In: _____. *História da província de Sancta Cruz...*, ed. *princeps*, op. cit., pp. 45-46.

_____. “Capitulo VI. Dos Animaes e Bichos Venenosos que há Nesta Província. In: _____. *História...*, ed. *princeps*, op. cit., p. 22.

_____. *Tratado da Terra do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 119.

_____. “Capit 6. Dos Animaes e Bichos Venenosos que há nesta província”. In: _____. *Historia...*, ed. *princeps*, op. cit.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad: Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (Ensaio de Cultura, 8)

76

HANSEN, João Adolfo. “A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 364).

_____. “Agudezas seiscentistas”. In: *Literatura e Pensamento entre o final da Renascença, o Barroco e a Idade Clássica*, n 24, Jan/ Junho 2002. Programa de Pós-Graduação em Letras – UFMS, p. 61

HARTOG, François. *Uma retórica da alteridade*. In: O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do Outro. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999. Trad.: Jacyntho Lins Brandão, p. 246

LAUSBERG, H. *Elementos de Retórica Literária*. Perspicuitas (130-2), p. 127. Fundação Calouste Gulbenkian. 5 ed. Trad.: R.M. Rosado Fernandes.

PLINIE, L'Ancien. *Histoire Naturelle*. Paris. Belles Lettres, 1953.

_____. *História Natural*. Introd. De Guy Serbat. Trad e notas de Antonio Fontán, Ana Maria Mource Casas e outros. Madrid: Gredos, 1995 (Biblioteca Clássica Gredos, v. 206).

TREVIZAM, M. “Os ‘monstros’ de Virgílio no livro I das Geórgicas”. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 35, p. 75, 2009.

Submetido em: 04/05/2018

Aceito em: 14/05/2018